O programa-ideário do Centro de Cultura Brasileira

Stela de Castro Bichuette[1]

Resumo: Este trabalho tem como ponto principal apresentar o programa-ideário nacionalista do Centro de Cultura Brasileira (C.C.B.), fundando em 1923, pelo escritor Adelino Magalhães (1887-1969) bem como apresentar a crítica feita ao ideário e ao C.C.B. de modo geral pelo crítico e escritor anarquista Fábio Luz, em *O Brasil*, em abril de 1923. É importante ressaltar que o arquivo sobre o C.C.B. encontra-se atualmente no acervo de Adelino Magalhães, sob tutela de seus herdeiros.
Palavras-chaves: Arquivo; Adelino Magalhães; C.C.B; Nacionalismo.

Abstract: The main point of the given work is to present the set of ideas of the nationalist program Centro de Cultura Brasileira (C.C.B), founded in 1923 by writer Adelino Magalhães (1887-1969). Also, it intends to show the critique of such ideas and of the C.C.B as a whole done in the Journal *Jornal do Brasil*, April 1923, by the critic and anarchist writer Fábio Luz. It is important to highlight that the file of C.C.B is currently in the collection of Adelino Magelhães, under the tutelage of his heirs.
Keywords: Archive; Adelino Magalhães; C.C.B; Nationalism.

Résumé: Ce travail a un point comme principal de présenter le programme d'idées nationaliste du *Centro de Cultura Brasileira* (Centre de Culture Brésilienne) (CCB), inauguré le 1923 par l'écrivain Adelino Magalhães (1887-1969) ainsi que de présenter la critique posée aux idées et au CCB de façon générale par le critique et écrivain anarchiste Fabio Luz, dans *O Brasil*, (Le Brésil), en Avril 1923. Surtout, on met en évidence le dossier du CCB, qu'actuellement se trouve dans le fichier d'Adelino Magalhães, sous la tutelle de ses héritiers.
Mots-clés: Fichier; Adelino Magalhães; C.C.B; Nationalisme.

[1] **Universidade Estadual do Centro Oeste.**

O acervo de Adelino Magalhães

O Centro de Cultura Brasileira (C.C.B.) foi fundado em 1923, no Rio de Janeiro, pelo escritor Adelino Magalhães (1887-1969), tendo sido uma ramificação de um evento literário também realizado pelo autor, na Biblioteca Nacional, batizado de "Vesperais Literárias", em 1921. A agremiação movimentou a vida intelectual, literária, cultural e mundana carioca por quase uma década, encerrando suas atividades em 1927. Atualmente, o que restou e permite ao pesquisador interessado nos primeiros anos do século XX a conhecer os ideais e as ações da agremiação, de saber o seu papel na sociedade carioca e de conhecer o seu ideário-programa está guardado no arquivo quase inédito de seu fundador, sob tutela de seus herdeiros. Materialmente, o arquivo de Adelino Magalhães é composto de grandes cadernos, amarelados pelo tempo, nos quais se têm recortes de jornais, anotações a lápis, fotografias, entrevistas do autor e algumas correspondências tanto de cunho profissional quanto familiar, além, obviamente, dos documentos e atas referentes ao C.C.B.

Diante de todo esse acervo desconhecido de Magalhães, é claramente visível tanto o desprestígio do escritor quanto de sua obra. O arquivo está por quase cinco décadas guardado na instância particular, já que, como dito, encontra-se com a família do escritor. Nesse sentido, seria muito mais vantajoso que houvesse um interesse maior por parte da academia para que esses documentos pudessem ser, posteriormente, disponibilizado para estudo. Diante da urgência da preservação do acervo de Adelino Magalhães, seria necessário, como

explica Reinaldo Marques (2011), em "O que resta nos arquivos literários", uma grande força-tarefa que desse conta do árduo trabalho que é a elaboração de uma inventário. Assim, é certo afirmar que isso implicaria "a descrição documental" bem como "outras modalidades de ações – catalogação, restauração, conservação por meio de higienização e acondicionamento adequados, de gerenciamento ambiental, disponibilização para a pesquisa, entre outras" (MARQUES, 2011:193). Infelizmente, ainda não foi possível sanar essa necessidade o que demanda tempo e interesse científico.

Nesse sentido, peço emprestados, no intuito de estabelecer uma via de diálogo com o acervo de Magalhães, os conceitos trabalhados por Jacques Derrida (2011), em *Mal de arquivo - uma impressão freudiana*, de *arkhê* (arquivo); de arcontes (aqueles responsáveis por um o arquivo, cabendo-lhe também a competência hermenêutica); de *arkheîon* (domicílio em que se encontrava o *arkhê*) e, principalmente, o de consignação, que nada mais é o ato de reunir os signos, não dispersando seus significados dentro do arquivo, como explica Derrida (2001:14):

> A *consignação* tende a coordenar um único *corpus* em um sistema ou uma sincronia na qual todos os elementos articulam a unidade de uma configuração. Num arquivo, não deve haver dissociação absoluta, heterogeneidade ou segredo que viesse a separar (*secernere*), compartimentar de modo absoluto. O princípio arcôntico do arquivo é também um princípio de consignação, isto é, de reunião (grifos do autor).

Hoje, o arquivo de Adelino Magalhães encontra-se reunido em um *arkheîon* privado, a casa de seu filho, que desempenha também o papel de um arconte, de guardião. O princípio da consignação pode ser considerado de forma bastante rudimentar, visto que o material está reunido de maneira um pouco disforme, razão pela qual ele precisa

passar por um processo de arquivamento e catalogação, para que possa haver o princípio de unidade apontada por Derrida (2001).

O trabalho de organização do arquivo de Adelino Magalhães demandará muito tempo para que se torne um depositário da memória intelectual e literária não só do autor como também de outros atores desse período. O arquivo tem, assim, muito a ser explorado, visto apresentar inúmeras possibilidades de estudo e pesquisa. Com a finalidade de sua conservação, o arquivo precisa ser digitalizado para que se evite o manuseio e não se perca ainda mais de sua matéria física.

À primeira vista, a história contada por esses arquivos apontam várias vertentes possíveis para se estudar o escritor Adelino Magalhães e seu meio intelectual. Ao fazer uma verificação mais minuciosa do acervo, notou-se que alguns assuntos eram mais privilegiados por Magalhães, são eles: a referência da crítica especializada sobre sua obra; as notícias das "Vesperais Literárias"; a repercussão do C.C.B.; e o embate entre o Modernismo do Rio de Janeiro e o de São Paulo. São esses os temas que mais fortemente apontam as preocupações de Adelino Magalhães percebidas através daquilo que o próprio autor elegeu como prioritário para ser mantido em arquivamento.

Para conseguir ordenar ainda que precariamente e tentar entender ainda que superficialmente o C.C.B, em razão desse material não estar catalogado e nem digitalizado, foi preciso construir um método para que o trabalho com o acervo de Magalhães tornasse mais viável, fazendo com que ficasse mais fácil a localização das informações necessárias. Por essa via, para fazer-se mais eficaz o manuseio das fontes, foram feitas fotografias de quase todo acervo, privilegiando as informações referentes ao C.C.B. e às "Vesperais Literárias". Felizmente,

todas as atas das reuniões do centro estavam datadas; já o registro dessas sessões nos jornais da época está completamente fora de ordem e sem datação, somente foi possível ter certa ordenação quando se contrapunha as atas de cada sessão do C.C.B. à referida notícia. Assim, os arquivos, ainda que primariamente, ganharam sua versão digital.

O escritor Adelino Magalhães

Adelino Magalhães que ficara conhecido na vida literária a partir de 1916, com a sua primeira publicação, *Casos e Impressões*, tinha se tornado participante de algumas rodas literárias famosas no Rio de Janeiro naquele alvorecer de século, e foi por conta desses círculos de amizade que as "Vesperais Literárias" e o C.C.B. tornaram-se possíveis. Essas redes de sociabilidade proporcionavam a todos intelectuais-escritores, não só a Adelino Magalhães, suportes para os projetos particulares de cada um deles, fossem eles literários, jornalísticos, culturais ou políticos. Isso se dava porque eram desses elos de contato que os agrupamentos e agremiações se formavam, tornando viáveis as suas empreitadas, a permanência no mundo intelectual e as várias possibilidades de publicação de suas obras. Sobre isso, em *Essa gente do Rio... Modernismo e Nacionalismo*, Ângela de Castro Gomes (1999:42) argumenta que

> o intelectual e, no caso, o intelectual-artista, que experimenta uma especialização acentuada, precisaria ser pensado como um *doublé* de teórico da cultura e de produtor de arte, inaugurando formas de expressão e refletindo sobre as funções e desdobramentos sociais que tais formas guardariam. O esforço de inovação e a consciência explicitada desse esforço eram, inclusive, muito grandes nesse início de século.

Para entender os ideais que Magalhães tinha para o C.C.B. devem-se evitar dois mitos que giram em torno da figura do escritor, são eles: é imprescindível afastar o escritor da ideologia nacionalista católica altamente presente nas primeiras décadas do século passado e, igualmente, não caracterizá-lo somente por sua participação no periódico modernista *Festa*. Essas duas crenças nascem do fato de Adelino Magalhães estabelecer relações sociais com Jackson de Figueiredo, representante do catolicismo e por ter participado com assiduidade do grupo que mais tarde fundaria *Festa*, fazendo parte também de sua direção.

Quando se verifica com mais atenção a figura e a produção do autor até os anos de 1930, fica clara a postura de independência do escritor desses dois mitos que o cercam. O trabalho intelectual ou ficcional de Adelino Magalhães vai muito além de questões religiosa ou espiritual. Seu interesse maior sempre foi o de elaborar um projeto de cultura nacional, juntamente com uma ideologia mais próxima ao socialismo, o que é visível no cerne nacionalista do programa do C.C.B. e também na sua produção ficcional, como por exemplo, nos contos "A greve", e "Clube Internacional – Clube dos Super- Homens", da coletânea de contos *Visões, Cenas e Perfis*, de 1918; e "Avante! Avante", da coletânea *Tumulto da Vida*, de 1920. No entanto, como todo trabalho demanda um recorte, este trabalho terá como centro o programa-ideário do C.C.B.

Os aspectos de valorização cultural brasileira sempre apareceram no pensamento do intelectual Adelino Magalhães. Não foram poucos os artigos em jornais e revistas encontrados em seu arquivo que versam

sobre o tema. A questão da valorização da nacionalidade foi o projeto de toda uma vida do escritor desde as primeiras "Vesperais Literárias". Em 1927, último ano de funcionamento do C.C.B., Adelino Magalhães escreveu "Brasil Novo", artigo para revista *Época*, referindo-se à construção de um novo país. Para tanto, elenca diversas etapas que precisam ser transpostas para que o país realmente se faça novo. Escreveu Adelino Magalhães (1927:19):

> Brasil novo é nacionalizar.
> Brasil novo é valorizar tudo que vem de nós mesmos e da terra: é adaptarmos cada vez mais ao país. Ter originalidade; ter personalidade; ter consciência e o brio de si próprio.
> Como os indivíduos, os povos que não têm dignidade não podem subsistir.

Em outro artigo, "Aspectos culturais brasileiros", de 1928, publicado na revista *Nação Brasileira*, o escritor demonstrou, mais uma vez, essa preocupação com a valorização do que é brasileiro através da nova literatura. No artigo, pode-se apreender das palavras do escritor que a intelectualidade brasileira estava conseguindo soltar-se das amarras estrangeiras e deixa transparecer que estava satisfeito com os rumos culturais nacionais. Vemos, portanto, que os ideais nacionalistas pregados pelo C.C.B. estavam presentes nas considerações do escritor que se mostra otimista em relação aos novos rumos. No mesmo artigo, em outra passagem, Adelino Magalhães retoma a questão da tradição para demonstrar o abrasileiramento da cultura nacional, afirmando:

> quando a geração nova não tivesse outro mérito, este ninguém lhe poderia negar; tratou de abrasileirar o Brasil, como já d´antes o tinham feito os românticos! E acabou o derrotismo! E acabou com os nhonhôs de espírito e de corpo! Dá ponta pés na bola, gosta da Lya Putty, não há dúvida, esbarra nos velhos sem pedir desculpas – mas quer ver, pensar, cheirar, ouvir... viver por si e com suas faculdades.
> Pelo menos isso!... E não tem vergonha de ser cabocla! (MAGALHÃES, 1928:s/p).

No arquivo de Adelino Magalhães há também um artigo, "Centro de Cultura Brasileira (1921-1923)", sem autoria, da revista *Nação Brasileira*, de 1956, no qual a questão de ser nacional e nacionalista é, o tempo todo, resgatada no intuito de estabelecer corretamente qual era o objetivo primeiro da agremiação. Diz o texto:

> Não eram jamais vãs as sessões: discutia-se sempre coisa séria, apresentavam-se propostas úteis, projetavam-se cópias de memorando de interesse geral para a cultura e a vida nacional, delineavam-se os múltiplos programas da semana, comemorações, etc. há de quando em quando um tumultozinho, mas a constante presença do elemento feminino não deixava a coisa azedar... – O Centro era nacionalista, em uma época que ser nacionalista era perigoso e ridículo, atendendo ao enorme prestígio econômico do alienígena em nosso país inclusive na imprensa.

O contato com o poder político ao longo da vida de C.C.B foi estabelecido através dos muitos memorandos e sugestões culturais de cunho nacionalista ao poderes legislativo e executivo, além de visitas dos membros do clube a várias instituições no intuito de divulgar seu empenho de nacionalizar o país. O sistema educacional seria a porta de entrada para a construção de um povo que valorizasse o que era autóctone, por isso a preocupação dos agremiados, preocupados com a construção da brasilidade, na formação de jovens. Vale lembrar que a primeira profissão de Magalhães era a de professor de História e Geografia, chegando a aposentar nessas cadeiras; assim, as ações afirmativas educacionais faziam parte do cotidiano do autor e muitos dos seus colegas professores foram integrantes do C.C.B. Todas essas preocupações estarão bem expostas nas futuras diretrizes do Centro de Cultura Brasileira a partir de seu programa-ideário.

Os antecedentes do Centro de Cultura Brasileira

O C.C.B nasceu de um projeto anterior de Adelino Magalhães, em 1921, conhecido na época como "Vesperais Literárias", um conjunto de quatro encontros vespertino, ocorridos aos sábados nos salões da Biblioteca Nacional. Nessas tardes, discutiam-se temas literários nacionais, faziam-se homenagens a autores falecidos, declamavam-se poesias e havia uma parte dedicada a concertos musicais. O C.C.B. que funcionou no "Centro Paulista", na praça Tiradentes, foi um desdobramento desses encontros aos sábados. No C.C.B., além das tardes literárias, discutia-se como nacionalizar o país através da literatura e de projetos nacionalistas, nos mais variados campos: arte, música, arquitetura, entre outros.

Não seria errado afirmar que tanto as "Vesperais Literárias" quanto o C.C.B. surgiram como espaço de sociabilidade e de contato entre os intelectuais do período. Adelino Magalhães e seus companheiros de empreitada como os poetas Murillo Araujo, Nestor Vitor e Amadeu Amaral, o ator Ernesto Nazaré, o livreiro Francisco Shettino estavam inseridos em um ambiente intelectual no qual eram acalorados os posicionamento sobre o Modernismo nascente, sobre as artes novas e sobre o Brasil na modernidade.

No dia 18 de setembro de 1921, Nestor Vítor escreveu no artigo "Um pouco da crônica da vida carioca", no *Jornal dos Debates*, de São Paulo, a dinâmica da vida literária no Rio de Janeiro e, mais particularmente, referiu-se às "Vesperais Literárias". O artigo, escrito após o término da penúltima vesperal, fazia um balanço ainda que acanhado das conferências, enfatizando a maneira pela qual se deram

os encontros entre os "novos" e os grandes vultos da história literária brasileira.

As ideias das "Vesperais Literárias" se transformaram, em 1922, no "Curso de Literatura", também realizado nos salões da Biblioteca Nacional. Pelo que se pôde perceber através da análise do arquivo do escritor, o curso não teve muita repercussão. Adelino Magalhães não apresentou em seus arquivos nenhuma notícia referente ao evento, limitando-se a guardar somente o programa das conferências. As conferências tiveram como propósito estudar a história literária brasileira desde a fase quinhentista e seiscentista até a fase simbolista. O programa contava também com conferências sobre a literatura teatral, a literatura paulista e o novo espírito da literatura brasileira.

Portanto, a ideia das novas palestras prometidas ao fim das "Vesperais Literárias", no ano anterior, manteve-se em banho-maria durante todo aquele ano. Para Adelino Magalhães, o ano de 1922 não teve o significado modernista como teve para muitos. Excetuada a publicação de seu novo livro, *Inquietude*, e o fato deste ter sido ignorado pelos símbolos considerados oficiais do novo movimento, o ano serviu para o escritor como a fermentação de suas contínuas preocupações: a questão da nacionalidade.

Na verdade, a nacionalidade proposta por Adelino Magalhães não se vinculava apenas e tão somente ao aspecto do fazer literário, aquele que incluía a vontade de nacionalizar a literatura com temas diretamente ligados à questão da brasilidade, com assuntos e linguagem nacionais. Com efeito, o que Adelino Magalhães propunha era ligar o pensamento nacionalista a algo mais concreto para

valorização do nacional, o que poderia ser feito através das ações conjuntas entre a política e a educação.

O C.C.B. aparentemente buscou ações mais pontuais e imediatas que visavam, sobretudo, o reconhecimento da tradição na formação da cultura brasileira, bem como a valorização da língua e da cultura nacionais. Assim, em que perspectiva poder-se-ia enquadrar o C.C.B., uma vez que ele não sistematizou seus estudos, e restaram para a sua compreensão apenas suas atas e recortes de jornais organizados ao longo dos anos de sua existência pelo seu fundador? A resposta pode estar nas reflexões tiradas das adormecidas páginas de seu arquivo, de onde a ideologia daqueles que participaram do C.C.B. pode ser pouco a pouco desnudada. Ainda que as respostas sejam suposições, sempre com a sombra incômoda da dúvida. Certo é que o afastamento no tempo colabora com as várias possibilidades de conclusão, que poderão ser esclarecidas e complementadas com outras leituras e outras tantas intervenções.

A fundação e o programa geral do C.C.B: visão política

Consta nas atas do C.C.B. que sua fundação se deu em 05 de abril de 1923. Como exposto, o C.C.B. foi um desdobramento das "Vesperais Literárias", de 1921 e continuaram a fazer parte da programação da agremiação em ambientes diferentes ao da Biblioteca Nacional. A partir de 23, as "Vesperais Literárias" foram, então, incorporadas pelo C.C.B. sendo suas conferências realizadas em diferentes ambientes na Casa dos Artistas, no Clube Militar, no Clube Paulista e na Biblioteca Nacional. Já as sessões deliberativas do C.C.B. eram realizadas às

quartas feiras, no Centro Paulista, localizado na Praça Tiradentes, ou no comércio do pai de Adelino Magalhães, o "Grão Turco".

Fig.1: Reunião do Centro de Cultura Brasileira, na Escola Geral do Teatro Municipal[2]
(Fonte: Arquivo Adelino Magalhães, s/d)

Programa Geral do C.C.B. foi publicado em vários jornais do Rio de Janeiro. O ideário conta com catorze parágrafos que propunham as diretrizes do centro. No artigo que fez um balanço posterior do centro de forma mais abrangente, aquele de 1956, o jornalista responsável assim descreve a divulgação do programa: "O programa da instituição, com riqueza de detalhes, era distribuído pelos jornais e em folhetos avulsos: pode-se dizer mesmo que era 'panorâmico' em relação às diversas necessidades do Brasil, tal a sua largueza de vistas!"

O programa é realmente extenso e contém muitas questões não só de ordem cultural, mas também de ordem trabalhista, como salários diferenciados entre brasileiros e estrangeiros, questões de ordem pedagógica, o caso do ensino obrigatório e de uma maior fiscalização

[2] Data colocada à caneta no canto inferior direito [1925] sendo que entre parênteses aparece um ponto de interrogação.

nas escolas estrangeiras que desnacionalizam a educação brasileira, questões profissionais, como o curso específico de formação jornalística e questões políticas que exigiam a presença intelectual do cenário político brasileiro.

No parágrafo primeiro já se pode ter a noção de um dos pontos caros à agremiação: a valorização da cultura através da literatura nacional, buscando meios de divulgá-la. É citado também que deve ser abolida a prática de falar em língua estrangeira em qualquer reunião elegante, no alto comércio ou nos centros culturais. Outras preocupações diziam respeito a criar "um modo de ser nacional", modificar o ensino de história pátria, estimular o culto aos heróis nacionais e patrocinar vesperais literárias e históricas em torno de assuntos brasileiros. Sobre este último, nota-se que as vesperais se expandiram e tiveram cunho histórico dentro da programação do C.C.B.

O respeito e a amizade ao indivíduo estrangeiro são permitidos, desde que o estrangeiro não quisesse fazer do Brasil uma colônia internacional, é a proposta do segundo parágrafo bem como amparar o trabalhador brasileiro, desvalorizado em certos bancos e companhias, cujos donos só pagam equitativamente aos seus compatriotas.

O terceiro parágrafo do programa propõe uma confraternização entre todos os artistas, jornalistas, pensadores e cientistas nacionais ou estrangeiros que viviam no Brasil. Foi ainda proposta desse parágrafo a fundação de um clube em que seria solicitado para a sua composição um representante permanente no C.C.B. Finalmente, o parágrafo menciona que há de se valorizar a imprensa zeladora dos verdadeiros valores nacionais.

O espírito novo e o espírito tradicional permeiam o quarto parágrafo, preocupação constante de Adelino Magalhães. No mesmo parágrafo sugere-se que o C.C.B. lute para que os jornais do Rio de Janeiro abram maior espaço para as sessões de crítica artística e literária, sendo que elas deveriam ser entregues a moços competentes e de espírito moderno. Preocupa-se também com a arquitetura urbana da cidade, não se permitindo que o Rio de Janeiro continue sendo uma cidade de arquitetura colonial. Ademais, cobra-se dos poderes públicos a adoção de medidas para a criação de um modo de ser belo e característico da cidade. Outro ponto que merece destaque é a proposta de organização de concertos musicais, bem como sessões de leituras públicas para que se evite o "fracasso de obras de valor, sacrificadas pela incompetência de certos atores e de certos críticos", contra o que se sugere a organização de uma companhia-modelo de comédia brasileira e iniciar cursos de conhecimentos gerais, "especialmente de arte, para artistas cênicos que não cursaram a escola Dramática".

O culto à tradição e aos valores esquecidos foi a proposta do quinto parágrafo, através da publicidade de obras esquecidas e há muito não editadas. Propõe-se também a tradução de obras estrangeiras que versam sobre o Brasil e nas quais se cultue o respeito às tradições "de sorte que se evitem os clamorosos atentados frequentemente feitos contra nossas relíquias históricas".

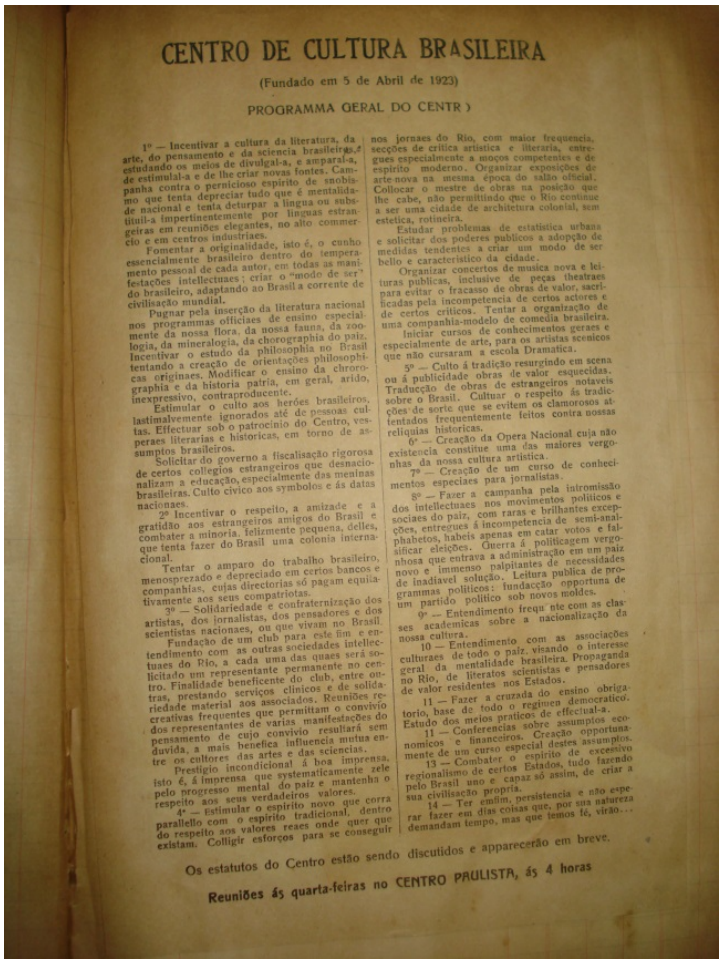
O sexto e o sétimo parágrafos são breves. Neles se propõe a criação, da Ópera Nacional, "cuja não existência constitui uma das maiores vergonhas da nossa cultura artística", e a criação de um curso de conhecimentos especiais para os jornalistas.

O oitavo parágrafo é muito atual, demonstra a preocupação com aqueles que governam o país. O adendo propõe uma campanha para que os intelectuais sejam abraçados pelos movimentos políticos e sociais do país, "entregues à incompetência de semianalfabetos, hábeis apenas para catar votos e falsificar eleições". Outro ponto levantado foi a guerra contra a politicagem e outro a ação da "leitura pública de programas políticos". Sobre esse ponto frisa-se que o brasileiro, somente há pouco tempo e de forma ainda iniciante, vem manifestando interesse pelos programas dos candidatos.

Os parágrafos nono e décimo são dedicados à cultura nacional institucionalizada e sugere um entendimento, não só com a classe acadêmica para a nacionalização da cultura, mas também com associações culturais de todo o país com o objetivo de despertar o interesse "geral da mentalidade brasileira" e se possível fazer "propaganda, no Rio, de literatos, cientista e pensadores de valor residentes nos Estados".

O décimo primeiro parágrafo refere-se ao ensino obrigatório, que só há pouco tempo havia começado a ser imposto no país, chamando a "fazer uma cruzada do ensino obrigatório, base de todo o regime democrático. Estudo dos meios práticos de efetuá-la". Os parágrafos seguintes são bastante curtos e sugerem a realização de conferências sobre assuntos econômicos e financeiros, bem como o combate ao "excessivo regionalismo de certos Estados, tudo fazendo pelo Brasil uno e capaz só assim, de criar a sua civilização própria".

Por fim, o Programa Geral termina não com uma proposta, mas com uma convocação para que haja persistência e "não esperar fazer em dias coisas que, por sua natureza demandam tempo, mas que temos fé, virão...".



CENTRO DE CULTURA BRASILEIRA

(Fundado em 5 de Abril de 1923)

PROGRAMMA GERAL DO CENTRO

1º — Incentivar a cultura da literatura, da arte, do pensamento e da sciencia brasileiras, estudando os meios de divulgal-as, e amparal-as, de estimulal-a e de lhe criar novas fontes. Campanha contra o pernicioso espirito de snobismo que tenta depreciar tudo que é mentalidade nacional e tenta deturpar a lingua ou subtiquil-a impertinentemente por linguas estrangeiras em reuniões elegantes, no alto commercio e em centros industriaes.

Fomentar a originalidade, isto é, o cunho essencialmente brasileiro dentro do temperamento pessoal de cada autor, em todas as manifestações intellectuaes; criar o "modo de ser" do brasileiro, adaptando ao Brasil a corrente de civilisação mundial.

Pugnar pela inserção da literatura nacional nos programmas officiaes de ensino especialmente da nossa flora, da nossa fauna, da zoologia, da mineralogia, da chorographia do paiz. Incentivar o estudo da philosophia no Brasil tentando a creação de orientações philosophicas originaes. Modificar o ensino da chorographia e da historia patria, em geral, arido, inexpressivo, contraproducente.

Estimular o culto aos heróes brasileiros, lastimalvemente ignorados até de pessoas cultas. Effectuar sob o patrocinio do Centro, vesperaes literarias e historicas, em torno de assumptos brasileiros.

Solicitar do governo a fiscalisação rigorosa de certos collegios estrangeiros que desnacionalizam a educação, especialmente das meninas brasileiras. Culto civico aos symbolos e ás datas nacionaes.

2º Incentivar o respeito, a amizade e a gratidão aos estrangeiros amigos do Brasil e combater a minoria, felizmente pequena, delles, que tenta fazer do Brasil uma colonia internacional.

Tentar o amparo do trabalho brasileiro, menosprezado e depreciado em certos bancos e companhias, cujas directorias só pagam equitativamente aos seus compatriotas.

3º — Solidariedade e confraternização dos artistas, dos jornalistas, dos pensadores e dos scientistas nacionaes, ou que vivam no Brasil.

Fundação de um club para este fim e entendimento com as outras sociedades intellectuaes do Rio, a cada uma das quaes será solicitado um representante permanente no centro. Finalidade beneficente do club, entre outras, prestando serviços clinicos e de solidariedade material aos associados. Reuniões recreativas frequentes que permittam o convivio dos representantes de varias manifestações do pensamento de cujo convivio resultará sem duvida, a mais benefica influencia mutua entre os cultores das artes e das sciencias.

Prestigio incondicional á boa imprensa, isto é, á imprensa que systematicamente zele pelo progresso mental do paiz e mantenha o respeito aos seus verdadeiros valores.

4º — Estimular o espirito novo que corra parallelo com o espirito tradicional, dentro do respeito aos valores reaes onde quer que existam. Colligir esforços para se conseguir nos jornaes do Rio, com maior frequencia, secções de critica artistica e literaria, entregues especialmente a moços competentes e de espirito moderno. Organizar exposições de arte-nova na mesma época do salão official. Collocar o mestre de obras na posição que lhe cabe, não permittindo que o Rio continue a ser uma cidade de architetura colonial, sem estetica, rotineira.

Estudar problemas de estatistica urbana e solicitar dos poderes publicos a adopção de medidas tendentes a criar um modo de ser bello e caracteristico da cidade.

Organizar concertos de musica nova e leituras publicas, inclusive de peças theatraes para evitar o fracasso de obras de valor, sacrificadas pela incompetencia de certos actores e de certos criticos. Tentar a organização de uma companhia-modelo de comedia brasileira.

Iniciar cursos de conhecimentos geraes e especialmente de arte, para os artistas scenicos que não cursaram a escola Dramatica.

5º — Culto á tradição resurgindo em scena ou á publicidade obras de valor esquecidas. Traducção de obras de estrangeiros notaveis sobre o Brasil. Cultuar o respeito ás tradicções de sorte que se evitem os clamorosos attentados frequentemente feitos contra nossas reliquias historicas.

6º — Creação da Opera Nacional cuja não existencia constitue uma das maiores vergonhas da nossa cultura artistica.

7º — Creação de um curso de conhecimentos especiaes para jornalistas.

8º — Fazer a campanha pela intromissão dos intellectuaes nos movimentos politicos e sociaes do paiz, com raras e brilhantes excepções, entregues á incompetencia de semi-analphabetos, habeis apenas em catar votos e falsificar eleições. Guerra á politicagem vergonhosa que entrava a administração em um paiz novo e immenso palpitantes de necessidades de inadiavel solução. Leitura publica de programmas politicos; fundacção opportuna de um partido politico sob novos moldes.

9º — Entendimento frequente com as classes academicas sobre a nacionalização da nossa cultura.

10 — Entendimento com as associações culturaes de todo o paiz, visando o interesse geral da mentalidade brasileira. Propaganda no Rio, de literatos scientistas e pensadores de valor residentes nos Estados.

11 — Fazer a cruzada do ensino obrigatorio, base de todo o regimen democratico. Estudo dos meios praticos de effectual-a.

11 — Conferencias sobre assumptos economicos e financeiros. Creação opportuna mente de um curso especial destes assumptos.

13 — Combater o espirito de excessivo regionalismo de certos Estados, tudo fazendo pelo Brasil uno e capaz só assim, de criar a sua civilisação propria.

14 — Ter emfim, persistencia e não esperar fazer em dias coisas que, por sua natureza demandam tempo, mas que temos fé, virão...

Os estatutos do Centro estão sendo discutidos e apparecerão em breve.

Reuniões ás quarta-feiras no CENTRO PAULISTA, ás 4 horas

Fig.2: Programa-ideário do Centro de Cultura Brasileira
(Fonte: Arquivo Adelino Magalhães.)

Esse era, portanto, o ideário do C.C.B., cujas preocupações principais eram: a valorização da cultura nacional e a valorização da tradição e do novo. Essa questão já foi apresentada nas "Vesperais Literárias" quando houve a homenagem a autores de várias escolas, homenagens que continuaram sendo realizadas ao longo de todo o funcionamento da agremiação.

O programa geral do C.C.B. foi duramente criticado por Fabio Luz, em 1923, crítico e escritor libertário com tendências anarquistas. Anteriormente, esse mesmo crítico tinha recebido, com vários elogios, a

primeira publicação de Adelino Magalhães. No arquivo não foi encontrada nenhuma outra referência contra o C.C.B. Todavia, em outra publicação sobre a agremiação, sem a referência feita por Adelino Magalhães, há indicação de que, além de Luz, Pinto da Rocha, poeta e jornalista gaúcho, e alguns outros não nomeados investiram contra os ideais do C.C.B.

A crítica de Fabio Luz (1923) bate principalmente no fato de que a cultura não tem pátria e que isolar uma cultura de outra é, sem dúvida, isolar-se do mundo, pois "as escolas e correntes literárias são mundiais: apenas os assuntos e as paisagens são regionais, mas os temas são humanos". Assim, afirma que o que está sendo organizado sob o título de "Centro de Cultura" é um fascismo literário e, ainda, que é uma manifestação "de jacobismo, sob a aparência de uma reunião de letrados, que querem, com seu vastíssimo programa, dominar em todos os ramos da atividade nacional". Com respeito a este último ponto, não se pode deixar de concordar com Fabio Luz (1923). O programa era, de fato, muito abrangente e, em outro momento, com a análise das atas do ano de 1923, poder-se-á dizer o que foi efetivamente realizado e o que foi deixado de lado, naquele ano de fundação.

Outro ponto criticado duramente por Fabio Luz (1923) diz respeito ao parágrafo quarto o qual sugere que o espírito novo corra em paralelo ao tradicional e que a crítica deve ser entregue aos moços de espírito moderno. O escritor pode ter tomado isso como uma ofensa, já que era crítico antigo e de muito respeito na capital. O argumento é muito bem colocado por querer saber que tipo de paralelismo é aquele proposto no ideário do centro, voltado a excluir os velhos:

> Que espírito novo é esse que corre paralelo ao ferrenho tradicionalismo e ao mesmo tempo faz exclusão dos velhos, exigindo que à inexperiência e ao fogo juvenis, ainda não aparelhados por uma cultura geral, sólida, sejam entregues as seções jornalísticas de crítica artística e literária? (LUZ, 1923:s/p).

O crítico ainda se mostra surpreso em face do décimo terceiro parágrafo que faz referência ao combate ao regionalismo de alguns estados da federação, perguntando se o próprio C.C.B. não é o mais centralizador de todos, sendo por si só "um programa de reação contra o federalismo", pois a instituição representa a "aristocracia intelectual do Rio de Janeiro em oposição ao plebeísmo provinciano".

Duramente criticado por Luz (1923) também foi o fato de que os estrangeiros, segundo o programa, viriam a desnacionalizar o Brasil. Assim, questionava o crítico: "Para conseguir esse fim quer o Centro que mestres estrangeiros não venham desnacionalizar a educação. Para desnacionalizar era preciso que houvesse uma educação nacional suscetível de ser desnacionalizada. Há?..." (LUZ, 1923:s/d). A crítica ao ideário terminou com a observação de que o caráter autossuficiente do C.C.B. ditaria todas as regras e todos os outros teriam oportunidade de conhecer o passado através somente das vesperais literárias e históricas promovidas pela instituição. Dizia o crítico:

> a feição universalista do Centro resume as tendências da Universidade do Rio de Janeiro, do Instituto Histórico e Geográfico, do Instituto Wanhagen, das múltiplas Academias de Letra, da Liga contra o analfabetismo e do Centro Nacionalista, da Sociedade Comemorativa das Datas Nacionais, da Revista da Língua Portuguesa, do Liceu de Artes e Ofícios, etc. Bem poderia adotar este outro nome – Centro Polymatha Polymorpho (LUZ, 1923:s/p).

Se, por um lado, alguns pontos levantados por Fabio Luz (1923) mostram-se sensatos, tais como os numerosos itens a serem tratados pelo C.C.B., por outro lado, não parece que os membros do C.C.B. queriam se autoproclamar donos da cultura nacional. O grupo já vinha de outro ambiente de valorização nacional como das revistas *Terra do Sol* e *Árvore Nova*. Até mesmo as "muralhas chinesas" que o C.C.B queria impor à cultura nacional, como dito por Fabio Luz, parecem fazer muito sentido. Para rebater o posicionamento de Luz, Adelino Magalhães escreve um artigo-resposta às críticas recebidas.

No artigo intitulado "O Centro de Cultura Brasileira", escrito no mesmo dia da crítica de Luz, em 1923, sem referência ao meio veiculado, Adelino Magalhães defende-se, com um discurso cerimonioso, contrapondo-se ao tom humorístico que ele dará ao mesmo assunto quando escrever a paródia do programa oficial, também em resposta a Fabio Luz. Começa Magalhães (1923:s/p): "O Sr. Dr. Fabio Luz, em artigo hoje, publicado em "O Brasil", faz considerações sobre o Centro de Cultura Brasileira que são de todo injustas, naturalmente por haver o ardoroso escritor interpretado erroneamente alguns pontos de nosso programa".

Adelino Magalhães (1923a) inicia suas considerações enfatizando que não é pretensão dos membros do C.C.B. a hegemonia sobre os outros grêmios intelectuais do Rio de Janeiro. Em seguida, detém-se na questão conceitual sobre aquilo que o programa do C.C.B chamou de "colônia internacional", assim registrada no programa oficial: " 2º - Incentivar o respeito, a amizade e a gratidão aos estrangeiros amigos do Brasil e combater a minoria felizmente pequena, deles, que tenta fazer do Brasil uma colônia internacional".

Fabio Luz (1923) disse não entender o que o C.C.B. quer dizer com a denominação colônia internacional. Adelino Magalhães explica que a expressão deve ser entendida de forma metafórica e, sobretudo, como parte da crítica do C.C.B àqueles que estão no Brasil para dele se aproveitar sem nenhum benefício para outra parte, ou recompensam iniquamente o trabalhador nacional enquanto este paga

> a peso de ouro os 'competentes' super-homens que chegam da 'Civilização' quando no entanto são escorridos, chorosamente, pingues ordenados aos nacionais que, por circunstâncias, venham substituir perfeitamente aos incomparáveis louros de tez rosada, 'contratados' em seu país de origem (MAGALHÃES, 1923a:s/p).

Outro ponto rebatido por Adelino Magalhães (1923a) diz respeito à "desnacionalização da nossa educação". O escritor justifica essa preocupação de sua agremiação pelo fato de que ele afirma existir escolas, leigas ou religiosas, dirigidas por europeus ou americanos que, de uma forma ou de outra, aniquilam nas "crianças brasileiras todo o sentimento cívico e toda a preocupação da cultura mental brasileira, isto é, em torno a assuntos brasileiros".

Sobre a polêmica entre o "velho" e o "novo", Adelino Magalhães (1923a) defende-se das acusações feitas por Luz, afirmando que o programa do C.C.B. valoriza tudo que é valioso onde quer que exista. Nesse momento, Magalhães alude ao momento em que lançou seu primeiro livro e teve boa receptividade do próprio Luz. Rememora o escritor: "Há até para o autor do Programa do Centro de Cultura Brasileira razões pessoais para querer muito bem e admirar um "velho" como o Dr. Fabio Luz; e ele, o aliás 'falso velho' bem sabe disso!".

No mês seguinte, maio de 1923, Adelino Magalhães escreve, com humor e uma pitada de ironia, um contra programa para o C.C.B.,

intitulado “Centro de Incultura Adelino Magalhães”. Nele, o autor ironiza praticamente quase todos os pontos levantados por Luz, através da distorção dos catorze parágrafos elaborados para o C.C.B.

O estatuto é parodiado, satirizado e ironizado por seu fundador e, para tanto, Adelino Magalhães (1923b) refere-se ao centro como se dele fosse e assina o estatuto-paródia como Dedeco. O apelido, referência a ele mesmo, já era conhecido desde o conto “Dedeco, discípulo amado de Tranquilino”, presente em *Tumulto da Vida*, de 1920. Vejamos, pelo que segue, como o programa recebe esse tratamento debochado.

Toda pauta é colocada de modo contrário por Adelino Magalhães (1923b). Se o programa oficial pregava o “incentivo da literatura nacional” na paródia, era prescrito “incentivar a ciência do nu e da pornografia”. Se era necessário pugnar pela literatura nacional, o programa paródia falava em “pugnar a ausência da literatura nacional” nos programas de ensino.

Com respeito aos questionamentos de Luz (1923) sobre paralelismo entre o espírito novo e o espírito tradicional, Adelino Magalhães (1923b) propõe que se esqueça esse item afirmando que seria melhor desanimar essa ação e que os esforços seriam agora a fim de que se entregassem a crítica literária e artística “especialmente a Andrade Muricy, a Tasso da Silveira, a Nestor Vítor, a Silveira Neto, a Murillo Araújo e a ‘moim nême’, Dedeco Magalhães”. Nessa assertiva, Adelino Magalhães leva realmente às últimas consequências o fato de Luz chamar o grupo de ambiente fechado. Se assim fosse, de acordo com a ironia de Adelino Magalhães, seria melhor que os nomes fossem dados e que eles lutaram por interesses próprios.

O ponto sobre o qual não resta dúvida sobre o ataque direto a Fabio Luz (1923) diz respeito ao caráter anarquista do crítico. Como se

sabe, Luz era anarquista convicto e escrevia para publicações com essa temática. Por isso, Adelino Magalhães (1923b) sugere que se faça uma campanha "pela intromissão dos intelectuais nos movimentos anarquizadores do país". Finalizando, o escritor insinua, da mesma forma que, no programa oficial, que todas essas ironias sejam rapidamente colocadas em prática, utilizando dois de seus contos muito conhecidos: "Um prego! Mais outro prego!... e "Aí, não!", bem como a utilização de onomatopéias, marca muito presente também nas narrativas do escritor. Assim, Magalhães ironiza: "Ter enfim, persistência e não esperar amanhã para pregar um prego que pode ser pregado hoje! Raiva o Shettino! Pss! Flut! Rrr! Fiau! Aí, não! Um prego... mais outro prego... Aí não!... Pss! Rrr! Fiuu!...".

Polêmicas à parte, o certo é que o C.C.B. funcionou até o ano de 1927 com repercussão na mídia e com as "Vesperais Literárias". Se a agremiação conseguiu cumprir todas as propostas do programa, só a análise das atas do acervo de Adelino Magalhães poderá, pelo menos em parte, responder.

Referências

CENTRO DE CULTURA BRASILEIRA. 1956. *Nação Brasileira*.

DERRIDA, Jacques. 2001. *Mal de arquivo*: uma impressão freudiana. Rio de Janeiro: Relume Dumará.

GOMES, Ângela de Castro. 1999. *Essa gente do Rio...* Modernismo e Nacionalismo. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas.

LUZ, Fábio. 1923. Centro de Cultura Brasileira. *O Brasil*, abr., s/p.

MAGALHÃES, Adelino. 1923a. *Centro de Cultura Brasileira*, s/p.

_____. 1923b. Centro de Incultura Brasileira. *A banana*. maio, s/p.

_____. 1927. Brasil Novo. *Época*, p. 19.

_____. 1928. Aspectos Culturais. *Nação Brasileira*. Rio de Janeiro, junho, s/p.

_____. 1963. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Editora Aguilar.

MARQUES, Reinaldo. 2011. O resta nos arquivos literários. In: SOUZA, Eneida Maria; MIRANDA, Wander Melo. *Crítica e Coleção*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, p. 192-203.

VITOR, Nestor. 1972. Um pouco da crônica da vida literária. In:_____. *Obra Crítica*. Curitiba: Secretaria da Cultura e do Esporte, p. 84-86.

Recebido em: 21/01/2014. Aprovado em: 21/04/2014.